

O CORTE DE BACHELARD

*Maurice Herbert Jones**

Para muitos, ciência, em oposição à opinião, é todo conhecimento que inclua, em qualquer forma ou medida, uma garantia da própria validade, isto é, um conhecimento demonstrativo.

O senso comum, por sua vez, é um conjunto de informações não sistematizadas que aprendemos por processos formais, informais e, às vezes, inconscientes. Essas informações são, no mais das vezes, fragmentárias e podem incluir fatos históricos, doutrinas religiosas, lendas, princípios ideológicos, informações científicas popularizadas bem como a experiência pessoal acumulada. Quando emitimos opiniões, lançamos mão desse estoque de coisas da maneira que nos parece mais apropriada para justificar nossos argumentos.

A ciência diferencia-se, pois, do conhecimento vulgar ou senso comum ao acrescentar critério metodológico, rigor e maior capacidade preditiva a este tipo de conhecimento ainda que o mesmo, de modo trivial e assistemático também descubra fatos, formule explicações e desenvolva teorias. Foi o senso comum apoiado em “dados” que criou as teorias da Terra plana, da Terra centro estático do Universo, dos seres vivos criados instantaneamente e imutáveis desde então, do homem sem ligação de origem com os demais seres vivos, etc. A ciência mudou tudo isto apesar de os dados não terem mudado e sim sua interpretação. Se as coisas fossem como parecem ser, não seria preciso a ciência para tirar do que está escondido a interpretação correta dos fatos.

Quando o professor Rivail se deparou com os fenômenos que deram origem ao Espiritismo, sua natureza inquieta, perquiridora, percebeu logo a necessidade de examiná-los com critérios metodológicos ajustados às características insólitas dos mesmos, não se submetendo, assim, à apreciação superficial sugerida pelo senso comum.

Graças a este olhar diferente, inteligente, que se alongou além das aparências, foi possível extrair daqueles fatos as conseqüências filosóficas e morais que iluminam nosso caminho, mudando drasticamente a forma pela qual o homem e o mundo são percebidos. Os fatos, porém, não eram novos, sempre existiram. Eram, no entanto, interpretados pelo conhecimento vulgar como manifestações sobrenaturais, divinas ou demoníacas sem nenhuma relação racional com as supostas causas a eles associadas.

Ao interpretar racionalmente aqueles fatos, ou seja, o fenômeno mediúnico, o Professor Rivail provocou aquilo que o filósofo francês Gaston Bachelard (1884-1962) chamou de “corte epistemológico”, isto é, uma revolução conceptual, uma ruptura com o conhecimento superficial e ingênuo existente, até então, sobre o assunto. As conseqüências desta revolução ainda não puderam ser bem avaliadas.

Essa posição “descontinuista” do francês Bachelard não é de aceitação geral. Os pensadores britânicos Bertrand Russel (1872-1970) e Karl Popper (1902-1994) admitiam a existência de uma continuidade entre ciência e senso comum, no sentido de que a primeira flui do segundo, apenas possuindo uma maior sofisticação, ou seja, a ciência é somente senso comum ou conhecimento vulgar, esclarecido, educado.

Em qualquer dessas visões, porém, poderíamos dizer que, sendo uma filosofia espiritualista e tendo uma evidente interface com a religião (infelizmente hipertrofiada entre nós), o Espiritismo está para as religiões assim como a ciência está para o conhecimento vulgar. Em ambos os casos trata-se de esferas cognitivas diferentes, embora possam se referir à mesma realidade.

O Espiritismo apresenta-se, pois, no panorama da cultura humana como um novo modelo conceptual de base racional, escoimado do sobrenatural, da superstição, da idolatria, sem abdicar, entretanto de um tipo particular de especulação que avança além da ciência, completando-a prematuramente na tentativa de explicar os enigmas da vida. É uma forma totalmente nova de “pensar a realidade a partir da exigência de que a vida faça sentido” (Rubens Alves), é uma nova e viril teoria destinada a “fazer viver e fazer agir” (E. Durkheim).

Se buscarmos entender o aparecimento do Espiritismo através do enfoque proposto pelo americano Thomas Kuhn, que utiliza o termo paradigma referindo-se aos modelos conceituais que dominam o pensamento das comunidades durante algum tempo até serem sucedidos por modelos mais jovens e funcionais, veremos que, com a virilidade das ideias novas, o Espiritismo candidata-se, corajosamente, como substituto dos paradigmas senilizados ainda “vivos”, crescentemente incapazes de oferecer segurança e identidade.

Convém reconhecer, todavia, que o envelhecimento ou, até mesmo, a morte dos velhos deuses, na expressão de Emile Durkheim, não é facilmente reconhecida. A orfandade, sendo muito penosa, é preferível um deus mumificado a deus nenhum, prolongando, assim, a crise de referências ao mesmo tempo em que os candidatos à sucessão são testados.

O psicanalista Hélio Pelegrini afirmou em um artigo que a angústia metafísica que nos aflige clama por uma filosofia pública sobre o significado e objetivo da vida, capaz de orientar toda a atividade humana, isto é, uma visão de homem e de mundo que possa ser racionalmente universalizada.

Os relatos bíblicos, síntese conceptual daqueles tempos e cultura, nos falam, essencialmente, de um contrato estabelecido entre o criador e as criaturas a partir do momento em que estas conquistam a racionalidade, isto é, a liberdade de desobedecer, que inaugura a história humana. Este contrato, todavia, é reformável, ajustando-se aos novos níveis de consciência e liberdade conquistados pelo homem. A iniciativa, porém, como a história nos ensina, cabe ao homem.

Quando os valores tradicionais começam a perder significado e eficácia, um novo contrato, um novo conjunto de valores deve ser concebido.

Atendendo a esta determinação histórica, Kardec, com extraordinária lucidez, identifica sinais de esgotamento do paradigma vigente e lidera uma revolução conceptual de base racional e humanista que, superando o organocentrismo iluminista propõe uma visão espiritocêntrica, isto é, que considera a dimensão extrafísica ou espiritual como fundamental, afetando, drasticamente, a forma pela qual o homem, o mundo e a história são percebidos.

Novo paradigma, corte epistemológico ou síntese dialética, a natureza original e renovadora do pensamento espírita é evidente. Como uma flor tardia da primavera iluminista o Espiritismo surge como uma esperança de renovação capaz de oferecer ao homem a segurança e a identidade perdidas, equipando-o, assim, para avançar, confiante, mais uma etapa no processo evolutivo.

Quase um século e meio depois de seu surgimento, o Espiritismo, naquilo que o faz singular, dinâmico, revolucionário e universal é desconhecido pela maioria esmagadora dos próprios espíritas que, incapazes de compreender o alcance e a profundidade da monumental proposta de Kardec, insistem, ingenuamente, em interpretá-la à luz dos paradigmas agonizantes ou mumificados que teimam em nos influenciar, reduzindo-a, assim, a uma mera seita religiosa.

Significativamente, foi exatamente esta a interpretação do Abade François Chesnel em artigos publicados no jornal L'Univers de Paris em abril de 1859 e tão veementemente contestada pelo fundador do Espiritismo conforme ficou registrado na "Revue Spirite" de maio e julho daquele ano.

Como se vê, o padre Chesnel fez escola.

** Maurice Herbert Jones, ex-Presidente da Federação Espírita do Rio Grande do Sul; ex-Presidente do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre; ex-Assessor Especial da Presidência da CEPA.*